

Cultura Popular, Patrimônio e Performance – Apresentação

Julie Antoniette Cavignac¹ (org.)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Pesquisadora CNPq/PQ2

Patricia Silva Osorio² (org.)
Universidade Federal de Mato Grosso

¹ Professora Titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/UFRN. Membro do Grupo de Pesquisa Cultura, Identidades e Representações Simbólicas (CIRS) e do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norteriograndeses. Membro do Comitê Patrimônio e Museus, Associação Brasileira de Antropologia.

² Professora Associada do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso. Professora do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/UFMT e do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea/UFMT. Líder do Grupo de Estudos Caleidoscópio – Estudos em Cultura Popular. Membro do Comitê Patrimônio e Museus, Associação Brasileira de Antropologia.

A ideia do presente dossiê surgiu como desdobramento do Grupo de Trabalho Cultura Popular, Patrimônio e Performance realizado no ano de 2016, durante a 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, em João Pessoa, Paraíba. O GT foi proposto como uma das atividades organizadas pelo Comitê Patrimônio e Museus da Associação Brasileira de Antropologia. Neste dossiê preparado para a Revista ACENO, as organizadoras propõem retomar temas clássicos da tradição antropológica, a saber, cultura popular, patrimônio e performance, no contexto do Brasil contemporâneo que se caracteriza pela diversidade das expressões e contextos.

Os estudos sobre cultura popular guardam longa tradição, desde estudos sobre o Folclore e no âmbito das Ciências Sociais, tanto na Antropologia quanto na Sociologia, com perspectivas distintas. No Brasil, sua investigação foi antes pensada como tentativas de construção de modelos teóricos para entender e interpretar a sociedade, a identidade nacional e a diversidade cultural. A preocupação com a cultura popular teve participação ativa na formação da Antropologia no país, apesar de ser menosprezada, seja no que toca à demarcação de fronteiras e à constituição da disciplina, seja no desenvolvimento teórico, especificamente para as reflexões sobre pensamento social brasileiro, os processos identitários, as teorias da cultura e a Antropologia dos rituais. Atualmente, as investigações ganham novo fôlego, com a mudança das perspectivas, dos cenários e dos contextos nas manifestações da cultura popular no bojo da discussão sobre processos de patrimonialização. Se o registro das formas expressivas e populares é um mecanismo administrativo e jurídico, em particular quando se trata de salvaguarda, o processo desencadeia uma série de desafios relativos aos modos como os bens culturais, agora patrimonializados, são vivenciados pelos seus detentores. Neste sentido, a noção de performance parece ser promissora para pensarmos as relações entre formas expressivas populares e patrimônios. O dossiê Cultura Popular, Patrimônio e Performance pretende reunir pesquisas que reflitam sobre os processos de patrimonialização associados às culturas populares, privilegiando estudos sobre folguedos, rituais, danças, produções artesanais, saberes e sociabilidades. Trazer para o debate performances e patrimônios, é também nossa intenção provocar uma reflexão sobre os trânsitos e as tensões entre culturas populares, turismo, consumo, mídia e política.

Os artigos aqui reunidos abordam e traçam cruzamentos diferenciados entre os temas propostos pelo dossiê. Desta forma, agrupamos os artigos que o compõem em três chaves de leitura. O primeiro bloco de artigos focaliza os patrimônios culturais associados às matrizes africanas e indígenas; os autores nos convidam a pensar sobre processos de patrimonialização dos saberes e das formas expressivas etnicizadas. Em “Preparando o banquete, sonhando a festa: memória e patrimônio nas festas quilombolas (Cachoeira-Bahia)”, Francesca Bassi e Fátima Tavares refletem sobre o engendramento de uma memória quilombola e de uma reflexividade nativa sobre formas de patrimonialização a partir de eventos festivos. Regina Abreu e Sabrina Dinola refletem sobre os “Desafios da patrimonialização do imaterial no caso da prática performativa do jongo”, alertam para os embates das políticas de patrimonialização a partir de um estudo de caso do jongo da Serrinha, no Rio de Janeiro. Vítor Gonçalves Pimenta, em “Reflexões sobre o papel do antropólogo nas ações de salvaguarda do patrimônio imaterial no estado do Rio de Janeiro”, problematiza a atuação dos antropólogos nas políticas de salvaguarda pautado em sua experiência no

Comitê Gestor do Ofício das Baianas de Acarajé. Em “Políticas e performances: um estudo de caso sobre o processo de patrimonialização da capoeira do Ceará” de Ricardo César Nascimento, encontramos uma reflexão sobre formas expressivas populares perpassadas por políticas de patrimonialização e sobre a atuação de diferentes agentes envolvidos no campo das políticas patrimoniais. Numa perspectiva crítica, o artigo de Marcus Bernardes, “Brincando de samba: as ‘rodas’ fora da Política Patrimonial” aponta para as contradições da patrimonialização de manifestações da cultura popular. Amarildo Ferreira Júnior, Silvio Lima Figueiredo e Rosa Elizabeth Acevedo Marín, em “¡Ahí Vienen los Diablos! Narrativas e espaços de performance em um ritual de rebelião patrimonializado”, nos apresentam o cenário etnográfico dos Diablos Danzantes de Yare, Venezuela, reconhecidos como patrimônio imaterial da humanidade pela UNESCO, e como suas performances produzem representações e resistências étnica e política.

O segundo bloco de artigos coloca em perspectiva as discussões sobre patrimônio, cultura popular, performances culturais e processos de construção identitárias. “Do ‘risco da perda’ ao patrimônio cultural: o Arrastão em processo”, Edgar Monteiro Chagas Junior reflete sobre a tessitura de processos identitários motivados por debates em torno da noção de patrimônio e das políticas de patrimonialização. “Bailes “negros” en la ciudad “blanca”: reflexiones en torno a una performance de africanidad en Santiago de Chile”, Ricardo Amigo apresenta resultados iniciais de sua pesquisa sobre a dança afro e que modo a dança se converte em performances políticas para o reconhecimento de manifestações culturais afrochilenas. O artigo de Heloisa Afonso Ariano, “Viola de Cocho: controvérsias em torno do registro de propriedade de um símbolo regional”, explora a polêmica em torno de um bem cultural, refletindo sobre processos de apropriação, conflitos e negociação de significados envolvendo manifestações da cultura popular. “Da Festa de São Pedro à Festa do Pescador: dinâmicas identitárias em uma comunidade ribeirinha de Mato Grosso”, Lucas de Albuquerque Oliveira e Patricia Osorio focalizam sociabilidades festivas associando tal discussão à reflexão sobre processos identitários locais, dinâmicas de parentesco e vizinhança, e processos de profissionalização e espetacularização de festejos populares.

Finalmente, o terceiro bloco de artigos retoma discussões clássicas dos estudos de cultura popular ao mesmo tempo em que as atualizam. “Criação de toadas nas Folias de Reis em Inhumas”, Goiás, Sebastião Rios, Talita Viana e Rogério Neves lançam novos olhares, sob a perspectiva das performances culturais, para a discussão sobre autoria individual nas manifestações da cultura popular. Mesalas Ferreira Santos, em “Tempo, Folguedo e Narrativas nos circuitos da cultura popular em Sergipe”, acompanhando a trajetória do personagem Zé Rolinha, tece considerações importantes sobre a noção de mestre da cultura popular. Luiz Antonio Oliveira e Julie Cavignac encerram o dossiê com “Na cozinha com Câmara Cascudo: história, etnografia e folclore nos estudos da alimentação no Brasil”, que sistematiza as contribuições de Câmara Cascudo na formação do campo de estudos da alimentação no Brasil.

Integrando o dossiê, temos ainda o ensaio fotográfico intitulado “Nas contas do meu Rosário” produzido por Leonardo Henrique Cruz Machado, na comunidade quilombola Carrapatos de Tabatinga, Minas Gerais.

Com especificidades teóricas, metodológicas e a partir de cenários etnográficos diferenciados, no Brasil em outros países latino-americanos, os autores deste dossiê apontam para a potencialidade dos estudos de cultura popular, patrimônio e performance. Boa leitura!